DIÁRIO *de bordo*

Perfil rural

ROBERTO RODRIGUES



A ABMR – Associação Brasileira de Marketing Rural – realiza periodicamente uma pesquisa entre os produtores rurais do país para atualizar informações sobre o Perfil do Consumidor de Insumos Agropecuários.

A última pesquisa, feita este ano por uma organização especializada, atingiu 2.050 produtores em 10 estados (RS, SC, PR, SP, ES, MG, MS, MT, GO e TO), que trabalham em nove atividades (algodão, arroz irrigado, café, citros, frutas, hortaliças, milho, soja e gado de corte e de leite), revelando dados de grande importância. E talvez o mais relevante deles seja o evidente incremento do espírito empresarial entre os produtores rurais, especialmente quando se comparam os dados da pesquisa anterior, realizada em 1991/92.

Vários elementos apontam nessa direção, a começar pelo uso de insumos modernos. Cerca de 96% dos pesquisados usam fertilizantes, contra 90% do último levantamento. O uso de herbicidas cresceu de 63% para 87% e o de inseticidas, de 60% para 70%. Semente híbrida também cresceu, de 67% para 70%, e é revelador o salto do uso de adubo foliar, de 26% para 32%.

O uso de recursos próprios para as atividades de custeio cresceu de 80% para 84%, mesmo índice exibido na queda do uso do crédito rural. Um dado preocupante é a queda dos investimentos, seja por recursos próprios (82% para 78%), seja no crédito (31% para 20%), o que demonstra perda de renda e/ou desestímulo no setor.

Sobre as características do moderno produtor rural empresarial, cerca de 82% dos produtores falam de busca permanente de novas tecnologias; 77% valorizam trabalhos agronômicos ou veterinários, 73% tratam a fazenda como empresa e 70% se preocupam com a rentabilidade sobre os investimentos – sinal de bom gerenciamento.

Cerca de 57% dos entrevistados conhecem sementes transgênicas e 84% deles as usariam, se o assunto estivesse regulamentado no país. Há uma provável correlação entre essas informações e o grau de instrução: o número de analfabetos caiu de 26% para 17% entre os produtores analisados, enquanto o dos que têm curso superior completo e superior incompleto foi de 14% para 19%. Só 34% dos pesquisados têm mais de 50 anos; 65% têm entre 21 e 50 anos. A idade média dos agricultores europeus supera 54 anos, menos do que a média no Japão.

Convém ressaltar que 59% dos entrevistados são pequenos produtores, 27% são médios e apenas 14% são grandes.

Entre todos, o número de proprietários caiu 5% (eram 79% em 1991/92 e 74% em 1999), crescendo 2% o dos arrendatários. Embora as diferenças não sejam espetaculares, revelam uma tendência já constatada nos países desenvolvidos: 30% da produção agrícola européia vem de terras arrendadas.

Cerca de 71% dos pesquisados têm algum tipo de veículo. De 41% passaram a 44% os que moram na propriedade, o que pode ser outro indicativo da perda de renda, pois em 1991/92 eram 72% os que tinham automóvel. No entanto, além de 96% terem rádio, 68% possuem antena parabólica, 60% têm telefone comum (50% no levantamento anterior) e 32% já possuem telefone celular.

E mais: 14% já têm computadores e 4% estão navegando na Internet. Cerca de 95% assistem TV, 77% recebem folhetos de insumos agrícolas, 58% lêem jornais, 33% assinam revistas do setor, 25% lêem revistas de interesse geral e 5% lêem revistas de economia e negócios. Acreditam que a melhor maneira para divulgação de novas tecnologias é a TV, mas 63% vão a dias de campo; 44% às feiras e 15% não freqüentam nenhum tipo de exposição, feira, leilão etc.

A média de produtividade das diversas atividades desenvolvidas de 1991/92 a 1999 (estimados) cresceu: a do algodão, 42%; do arroz irrigado, 21%; da soja, 17%; do milho, 13%. O número médio de cabeças de gado subiu 30% para o caso da carne e 78% para o do leite, cuja produtividade média cresceu 6%.

Há tendência para terceirizar insumos (33%) e colheita (25%), coerente com a idéia de reduzir investimentos em equipamentos e infra-estrutura, diminuindo custos fixos e a rentabilidade sobre investimentos. Apenas 3% dos entrevistados compraram trator no ano passado; 6% pretendem comprar neste ano. E 31% compraram seu último trator há mais de 10 anos. A tendência de comprar pacotes de produtos cresce lentamente: 62% dos entrevistados ainda preferem comprar os produtos fora de pacotes, como já acontece nos países desenvolvidos. Extremamente preocupante é a organização da classe rural, aparentemente piorando. Em 1991/92, 22% dos entrevistados não participavam de nenhuma entidade (associações, sindicatos ou cooperativas); agora são 31%. A comercialização da safra e a compra de insumos em órgãos coletivos também piorou, caindo 3% em ambos. Em financiamento de insumos a queda foi ainda maior, de 5%. A assistência técnica através de cooperativas caiu de 56% para 34% e nos sindicatos foi de 14% para 6%.

Não há aí um paradoxo? A regra é universal: sempre que o setor rural se organiza melhor, cresce sua performance, o que não está claro nesses números. Ao contrário, o crescimento da produtividade está associado à redução da participação associativa.

Parece evidente que se trata de perda de renda do setor rural, incomparável nos últimos anos, desde o plano Collor, e reforçada no Real. Esmagados pelo empobrecimento, os produtores vão deixando de pagar suas entidades, na contramão do progresso associativo, que é sustentado. E tentam salvar-se individualmente, reduzindo os custos possíveis, inclusive o de participação em entidades.

É preciso reverter tal situação, porque no limite ela seria a completa desorganização institucional, tornando o produtor, isolado, presa fácil de eventuais aproveitadores.

As entidades por seu lado devem rever seu comportamento. Talvez estejam decepcionando os associados ou, pior ainda, talvez não estejam cumprindo sua obrigação de servi-los e defendê-los.

O que não é admissível é o crescimento da desorganização rural. Sem renda e sem organização, viveremos no pior dos mundos.